



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

## **Interfaces Entre Gênero e Economia Solidária: A Partir De Um Grupo De Mulheres De Miracema do Tocantins/TO.**

Carina Géssika Irineu Monte<sup>1</sup>  
Temis Gomes Parente<sup>2</sup>  
Cynthia Mara Miranda<sup>3</sup>

### **SESSÃO TEMÁTICA OU EIXO: 5. AMBIENTES E DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO.**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar as relações de gênero a partir das experiências de um grupo de mulheres com a economia solidária. Esta pesquisa qualitativa se deu por meio de: registros documentais de reuniões e diagnósticos, roteiros de entrevistas semi- estruturadas, junto a um grupo de mulheres, em sua maioria pescadoras, moradoras de Miracema do Tocantins- TO. As discussões de gênero permearam as experiências como: reuniões mensais, participação em eventos, criação de um fundo solidário, estratégias de geração de renda e de desenvolvimento social de um grupo informal, marcados pelos princípios da economia solidária. As considerações finais sinalizam que, apesar das dificuldades vivenciadas por elas enquanto coletivo, este grupo tem permitido que se realize busca de estratégias de crescimento pessoal, fortalecimento das mulheres enquanto indivíduo e enquanto grupo, a partir de vivências oriundas das práticas da economia solidária.

**Palavras- chave:** gênero; economia solidária; mulheres.

### **Introdução**

O presente trabalho propõe analisar as relações de gênero a partir das experiências de um grupo de mulheres com a economia solidária<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins, Brasil. E mail: carina\_gessika@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins, Brasil. E mail: temis@mail.uft.edu.br

<sup>3</sup> Professora Adjunta III da Universidade Federal do Tocantins, Brasil. E mail: cynthiamara@mail.uft.edu.br

<sup>4</sup> As discussões aqui empreendidas fazem parte do relatório apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Economia Solidária da Universidade Federal do Tocantins, no qual se pode analisar as experiências e princípios da Economia Solidária percebidos e vivenciados por um grupo de mulheres. Saliencia-se também que, algumas ideias deste estudo foram apresentadas no 13º Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11: Transformações, conexões, deslocamentos em Florianópolis/SC, ocorrido em 30/07/2017 a 04/08/2017.



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

Inicialmente pode-se esclarecer que, a Economia Solidária pode ser compreendida como um modo de produzir coletivamente, com princípios marcantes, principalmente, pela igualdade de direitos (SINGER, 2008). Sobre os princípios que orientam a Economia Solidária, a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), atrelada ao Ministério do Trabalho, aponta alguns princípios importantes da Economia Solidária, são eles: cooperação, autogestão, ação econômica e solidariedade (BRASIL, 2017).

O princípio da **cooperação** tem como objetivo evitar competição, compartilhar trabalho, resultados, capacidades, unir forças; a **autogestão**: concerne à gestão/funcionamento do empreendimento, ou seja, as decisões e estratégias devem ser tomadas pelos/as próprios/as participantes de forma democrática; a **solidariedade**: tem como foco/preocupação o apoio entre os/as participantes do empreendimento solidário, com a sociedade, com o meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável; sobre as **ações econômicas**, este princípio visa criar estratégias de produção, trocas, comercializações, consumo, crédito, prestação de serviços, sem deixar de lado os princípios anteriormente citados (BRASIL, 2017).

O Brasil conta com diversas modalidades de empreendimentos solidários, algumas delas são: empresas recuperadas de autogestão; lojas de comércio justo; agências de turismo solidários; fundos solidários e rotativos de crédito; associações e cooperativas populares, grupos informais, dentre outros, conforme Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social- “Economia Solidária, outra economia acontece” (2007).

Nascimento (2006) considera ações de Economia Solidária: produção associativa, fundos solidários, comércio justo de bens e serviços, trocas solidárias, dentre outros, tendo em vista que as decisões e regras tenham que ser tomadas em conjunto dentro do grupo. Ainda para o referido autor, os valores centrais da Economia Solidária são: o trabalho, conhecimento e atendimento as demandas sociais. Em suas palavras:

A Economia Solidária representa instrumento de combate à exclusão social na medida em que apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades humanas, eliminando as desigualdades materiais e difundindo os valores da ética e da solidariedade (NASCIMENTO, 2006, p.8).



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

Foi com a intenção de criar uma alternativa de geração de renda, de criar um espaço de reuniões, trocas de experiências e conhecimentos, tanto no que se refere ao trabalho conjunto na pesca, como no compartilhamento de vivências e experiências pessoais e familiares, que surgiu um grupo informal de mulheres moradoras dos municípios de Miracema do Tocantins e Tocantínia/TO, em sua maioria pescadoras, em busca de estratégias em prol ao desenvolvimento do grupo. Cabe ressaltar que, este grupo de mulheres é oriundo de uma Associação de Colônia de Pescadores Profissionais Artesanais Z-16 de Miracema do Tocantins<sup>5</sup> e Tocantínia- TO (COPEMITO)<sup>6</sup> que tem como objetivo regularizar de forma legal o exercício dos/as pescadores e pescadoras (MENDES, 2016).

Nobre (2003), ao estudar “Mulheres na Economia Solidária” pontua que, estamos num momento de tornar visíveis as mulheres na economia, de forma geral, e até mesmo, na economia solidária, e questionar-se quem são essas pessoas que estão envolvidas com empreendimentos solidários, quais as experiências vivenciadas tão marcadas pelas relações de gênero, classe e etnia<sup>7</sup>.

Desse modo, entende-se por gênero um espaço de luta política, conflitos e busca de conhecimentos e interesse de poder (SCOTT, 2012). Lagarde (1996) considera a perspectiva de gênero como meios de se analisar e compreender características que modelam homens e mulheres, os conflitos institucionais, o cotidiano e a maneira como agem homens e mulheres.

Neste sentido, apesar do objeto de estudo serem mulheres, elas estão inseridas num contexto relacional com homens, entre elas e outras mulheres, seja em seus ambientes familiares ou na própria COPEMITO- no qual lideram e organizam a gestão desta; também constroem, experimentam e compartilham suas lutas diárias neste espaço de debate criado (o grupo de mulheres), em que se faz presente a todo momento questões de gênero, aqui considerada relações de poder.

---

<sup>5</sup> Município localizado a 80 km da capital do Tocantins- Palmas.

<sup>6</sup> Originada em 2004, é considerada uma organização sem fins lucrativos, e teve como objetivo inicial de regularização legal do exercício dos pescadores e pescadoras (MENDES, 2016)

<sup>7</sup> Como nosso foco são as interfaces entre economia solidária e gênero, iremos nos remeter apenas a essas discussões, sem desmerecer a relevância e relações que se fazem presentes nas discussões de classe, raça e etnia.



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

Nesta mesma lógica, Lagarde (1996), critica visões que focam apenas as mulheres, sem um olhar crítico, profundo e complexo, em que não instiga mudanças (para as mulheres, homens, famílias, comunidades ou em instituições). E considera que, um encontro de mulheres tem permitido apoiar, realizar mudanças para melhorar e criar alternativas para o enfrentamento de injustiças, a partir de suas experiências de gênero (LAGARDE, 1996), caso este vivenciado pelo grupo de mulheres estudado.

Corroborando com esta pesquisa, Nobre (2003) salienta a importância de identificar quem está à frente dos empreendimentos solidários, bem como, a descrição das experiências vivenciadas na sociedade marcada por questões de classe, gênero, raça e etnia, na tentativa de identificar e entender os desafios e potencialidades de cada grupo. Além disso, o debate das mulheres e de gênero nos espaços da economia solidária ainda é carente, bem como a ausência de sistematizações e experiências vividas por elas. Por isso, esse estudo se faz fundamental por registrar e dar visibilidade as experiências de um grupo de mulheres, sob a análise das relações de gênero, nos aspectos do trabalho, geração de renda, reuniões e funcionamento do grupo.

## **Metodologia da pesquisa**

A pesquisa surgiu a partir do acompanhamento da pesquisadora junto a um grupo de dezenove (19) mulheres, em sua maioria pescadoras, moradoras de Miracema do Tocantins e Tocantínia- TO, no período de maio de 2015 a dezembro de 2016.

Este estudo, de cunho qualitativo, é representado pelo aprofundamento da compreensão da realidade, não representado por números (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), o que se fez importante ao se discutir e levantar questões acerca das vivências e desafios no desenvolvimento deste empreendimento, tomando como base as relações de gênero.

Os métodos e técnicas utilizadas para o registro e a escrita deste estudo se deu por meio de: registros documentais de reuniões, oficinas e diagnósticos



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

ocorridos no mencionado período (de maio de 2015 a dezembro de 2016); pesquisas bibliográficas referentes aos temas centrais desta pesquisa; além da aplicação de oito roteiros de entrevistas semi estruturadas<sup>8</sup> com participantes do empreendimento<sup>9</sup>, objetivando analisar as relações de gênero existentes na: constituição do empreendimento (grupo informal de mulheres); das atividades realizadas pelo grupo; nos desafios vivenciados, experiências compartilhadas e princípios vividos com base na economia solidária.

Enfatizaremos o município de Miracema do Tocantins por ser o local de moradia da maioria das mulheres, sendo apenas uma moradora de Tocantínia- TO (municípios limítrofes um do outro), e por ser o município em que as reuniões, festas e eventos do público alvo aqui mencionado ocorrem. Cabe esclarecer que, Miracema está localizado a 80 km da capital Palmas, na Região Central do Estado do Tocantins e na região Metropolitana de Palmas. Conta com uma população estimada de 20.000 pessoas em 2017, e uma densidade demográfica de 7,9hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2018).

## **Caracterização do grupo de mulheres e o trabalho da pesca**

Este grupo informal de mulheres é oriundo da Associação Colônia de Pescadores Profissionais Artesanais Z-16 de Miracema do Tocantins e Tocantínia-TO (COPEMITO), que conta com aproximadamente 100 (cem) participantes, sendo 19 (dezenove) mulheres com idades de 32 a 65 anos.

De acordo com dados levantado com uma das líderes do empreendimento, foi possível identificar que, das 19 mulheres que participam do empreendimento de mulheres: Dezesesseis possuem carteira de pescadora profissional artesanal; Seis são empreendedoras (possuem criação de peixe em tanque rede<sup>10</sup>); Dez possuem

---

<sup>8</sup> Tem como foco obter maiores detalhamentos do assunto a ser investigado, com questões previamente elaboradas, onde no decorrer da entrevista outras perguntas podem ser realizadas, o que torna um contexto muito parecido ao de uma conversa informal, afirmam Valdete Boni e Sílvia Quaresma (2005).

<sup>9</sup> Os nomes das entrevistas foram substituídos por nomes de flores, de modo a preservar a identidade de cada uma no grupo.

<sup>10</sup> Sistema de criação de peixes com estruturas flutuantes, que podem ser realizados em reservatórios, açudes ou cursos d'água, podendo ser confeccionado a partir de vários materiais, e malhas de tamanhos variados e estrutura de sustentação que permita o fluxo da água e dejetos dos peixes, conforme afirma o Manual de criação de peixes em tanques-rede.



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

Carteira de Habilitação para barcos (Categoria: Marinheira Fluvial Auxiliar de Convés); Cinco são proprietárias de barco; Quatorze mulheres participam do Fundo solidário (que será discutido mais adiante). Esses dados são relevantes para perceber o protagonismo que as mulheres vêm desenvolvendo nas atividades pesqueiras neste município.

Para esclarecer a criação do grupo de mulheres, se faz necessário explicitar que, a primeira reunião do grupo se deu no dia 08 de março de 2014, ao se reunirem para refletir sobre o dia Internacional da Mulher. Contudo, foi a partir de maio de 2015, com o convite de representantes da Federação dos Trabalhadores do Estado do Tocantins (FETAET) para a Marcha das Margaridas<sup>11</sup> e com o início do acompanhamento do órgão Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural-Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (RURALTINS) que juntas elaboraram, planejaram e articularam a participação das mulheres na Marcha, ocorrida em agosto do mesmo ano.

Dessa forma, as articulações se fizeram por meio de elaboração de estratégias e busca de parcerias e recursos, a fim de possibilitar a ida do grupo a Brasília, local da Marcha. Além disso, reuniões se tornaram frequentes com o objetivo de discutir temáticas como: sexualidade e saúde reprodutiva, geração de renda, os diversos tipos de violências, agroecologia, dentre outras, como preparação para a participação deste movimento.

Cabe esclarecer que, este acompanhamento se deu por meio da pesquisadora enquanto extensionista rural<sup>12</sup> (bacharela em Economia Doméstica<sup>13</sup>) servidora pública atuante no Ruraltins.

---

<sup>11</sup> Ação estratégica das mulheres organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), e com outros Movimentos Sindicais e de movimentos de mulheres e feministas de todo país. Margarida Maria Alves foi uma líder sindical de Lagoa Grande- Paraíba, precursora na luta pelos direitos das trabalhadoras rurais.

<sup>12</sup> Profissional de “*Serviço de educação não formal, de caráter continuado, no meio rural, que promove processos de gestão, produção, beneficiamento e comercialização das atividades e dos serviços agropecuários e não agropecuários, inclusive das atividades agroextrativistas, florestais e artesanais*”, conforme descreve a Lei de nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010.

<sup>13</sup> A este termo existem duas abordagens: uma visão mais popular, em que refere-se por relacionar as atividades praticadas no cotidiano o da “economia do lar” (WEBER, 2006), e a segunda como campo de atuação profissional, com conhecimento específicos de uma profissão- o da Economia Doméstica (JUNIOR, 2013). Contudo, estas duas abordagens não estão totalmente separadas já que



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

Conforme entrevistas realizadas, e dados colhidos junto ao grupo informal de mulheres, em sua maioria: não possui o ensino médio completo; são casadas; com predominância de famílias extensas<sup>14</sup>; e se reconhecem profissionalmente como pescadoras. Contudo, algumas entrevistadas argumentam a dificuldade de sobreviver apenas do recurso da pesca, sendo necessários outros tipos de trabalhos objetivando complementar a renda.

Os trabalhos geralmente desempenhados para complementação da renda, estão relacionados a limpeza e higiene da casa, preparação e comercialização de bolos e salgados. Um fato que chama atenção é pontuado por uma das participantes, que não se sente como pescadora, por acompanhar o esposo na pesca, ficar acampados/as por dias cabendo ela realizar o preparo das refeições. Neste caso, a mesma não se considera pescadora, pelo fato dela não executar a pesca propriamente dita e por não gerar de renda (monetária) na preparação do alimento.

Sobre isso, Faria (2011) afirma como desafio, relacionar a Economia Solidária com os vieses da Economia Feminista no sentido de conhecer e questionar a divisão sexual do trabalho, dialogando com a produção da economia feminista, visibilizando a contribuição da economia das mulheres no trabalho doméstico e nos cuidados com a família.

Sobre a divisão sexual do trabalho, Kergoat (2002, p. 1) considera:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc...)

Essas regulamentações normativas são tentativas de estabelecer papéis sociais de gênero difíceis de serem questionados, por isso gênero é compreendido como um espaço de luta política, conflitos, busca de conhecimento e interesses de poder (SCOTT, 2012). Ainda sobre essa dicotomia entre as esferas produtivas e

---

os defensores da segunda abordagem iniciaram suas fundamentações enquanto ciência a partir de elementos da primeira (JUNIOR, 2013). Assim, formados/as a partir de um Curso de Ensino Superior, inserido na área das Ciências Sociais Aplicadas e regida pela Lei de N° 7.387, de 21 de outubro de 1985.

<sup>14</sup> Famílias compostas por vários tipos de parentesco, como por exemplo: nora, primo/a, tio/a, irmão, dentre outros.



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

reprodutivas, Okin (2008) pontua que é necessário pensar os processos da vida pública ou privada de forma interconectada, sem divisão em suas explicações e seus significados.

Estes dados dialogam com alguns resultados apresentados por Faria (2001) sobre um *Mapeamento Nacional de Economia Solidária* oriundo do Sistema Nacional de Informações sobre a Economia Solidária, em que: a percepção das mulheres rurais está marcada fortemente pela divisão sexual do trabalho e pelas relações patriarcais, resultando em seu papel de mães, esposas e dona de casa. Nas entrevistas com o grupo de mulheres, apesar da maioria das mulheres se assumirem pescadoras, as funções em torno da casa, cuidar dos filhos/as, alimentação, ainda é de responsabilidades exclusiva das mulheres.

Por sua vez, concorda-se com Nobre (2002, p.13) ao destacar que para a economia feminista é necessário tornar visível às contribuições das mulheres na economia, a partir de pesquisas como: trabalho doméstico, trabalho informal, divisão sexual do trabalho na família e outros aspectos relacionados com os temas da economia. Bem como, afirma que, a economia dominante foca apenas a movimentação do mercado, governo, comércio pelo qual circula o dinheiro, já a economia feminista expande essa visão a partir do momento em que se considera o informal e ações que ocorrem sem ser o estritamente monetário (NOBRE, 2002, p.13).

Estes dados corroboram com as informações oriundas da Economia Solidária em que não provêm apenas de indicadores monetários, mas são motivados a partir das diversas formas de atividades econômicas, sociais e ambientais (NASCIMENTO, 2006).

As características gerais do grupo acima mencionadas, também dialogam com os achados de Miranda e Barroso (2015) ao apontar que mulheres da região Norte vivenciam problemas advindos da feminização da pobreza, do acesso limitado a qualificação, das péssimas condições de trabalho, dos altos índices de violência, dentre outros.

Quando perguntadas sobre a administração dos recursos da pesca, para algumas entrevistadas, são elas mesmas que comercializam e administram os



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

recursos apurados, para outras, apesar de participar da pesca e venda dos pescados, os recursos são geridos apenas pelo esposo, uma delas afirmou: “Meu esposo. Ele sabe administrar muito bem. Ele até tenta me ensinar, porque gasto muito, mas tô trabalhando mais isso, e essa questão de anotar tudo que gasta” (Íris). Sendo este um desafio para algumas mulheres, Faria (2011, p.50) traz em sua pesquisa como uma das limitações dos grupos de mulheres:

As questões de acesso ao crédito, comercialização, gestão, controle financeiro e administrativo ainda são muito identificadas como parte do mundo masculino, são percebidas como algo que elas não conseguirão manejar. Essa realidade remete a outra questão que é a necessidade de trabalhar para fortalecer a autoestima das mulheres.

Sobre esse fortalecimento da autoestima das mulheres, as atividades que fizeram presentes no grupo foram: a criação de fundo solidário<sup>15</sup>, reuniões mensais e incentivos a participações de cursos, feiras e eventos visando incentivar a autoestima e por uma alternativa de tentar superar alguns desafios vivenciados por elas. Estas reuniões propiciaram discutir temas relacionadas a boas práticas de fabricação de alimentos, violência contra as mulheres, sexualidade e saúde reprodutiva, dentre outros.

Durante as entrevistas, pode-se perceber a importância da criação do grupo em vários aspectos, um deles se deu na conquista da participação de algumas pescadoras na Marcha das Margaridas que, quando questionadas sobre sua participação no evento, as respostas foram unânimes ao afirmar o quão positivo foi a experiência, expondo a importância de um movimento de grande repercussão e luta política para mulheres que buscam melhorias de condições de vida e efetivação de seus direitos.

Vale destacar também que, entre as justificativas mais marcantes dessa viagem, para algumas, o fato de ter viajado e conhecido Brasília, foram pontos relevantes por se sentirem valorizadas, por aumentarem sua autoestima, no compartilhamento de vivências e ampliação de laços de amizades.

---

<sup>15</sup> Funciona como uma espécie de banco, no qual se pega dinheiro emprestado, e retorna uma quantia pouco maior, objetivando aumentar a quantia. Todas as regras devem ser decididas em conjunto, desde o objetivo, valores máximos, e tempo para devolução.



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

Estes dados dialogam com os estudos de Nobre (2003), no qual aponta que a visibilidade das mulheres a partir de experimentos e comprovações da iniciativa Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina e Caribe (REPEM) fortaleceu as mulheres como protagonistas, apresentou aspectos positivos e contribuiu para problematizar as questões das mulheres na sociedade.

## **Experiência do fundo solidário**

Outra experiência vivenciada pelo grupo, refere-se a uma das estratégias da economia solidária, objetivando pôr em prática o trabalho em conjunto e a geração de renda- o da criação de um Fundo Solidário. Esta proposta foi incentivada e articulada por duas educadoras sociais que acompanhavam o grupo, conhecedoras e participantes das discussões relacionadas à Economia Solidária, a partir de março de 2014, mas foi em janeiro de 2016 que a ação foi colocada em prática.

O “Fundo Solidário do Grupo das Pescadoras Guerreiras”, denominação do grupo, teve como objetivo fortalecer a organização, através de práticas coletivas de administração dos recursos financeiros e não financeiros, a partir de dinâmicas participativas e transparentes, de modo a contribuir com o desenvolvimento do grupo. De forma geral, o grupo realiza ações objetivando gerar renda, para que possa criar um fundo, no qual elas possam pegar dinheiro emprestado a fim de investir em estratégias de geração de renda para elas e para o grupo.

Assim, após palestras e vídeos sobre o tema, o grupo elaborou o regimento visando normatizar as ações, prazos e valores máximos a serem utilizados pelas mulheres através do fundo rotativo. No mesmo mês de criação, também foi realizado um bazar (comercialização de roupas usadas arrecadadas pelas mulheres) objetivando dar início ao recurso do fundo rotativo, o que resultou na primeira aquisição feita por elas- compra do maquinário de moer peixe, que pode ser utilizado para a preparação dos pratos em eventos organizados pela COPEMITO desde 2010<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Cabe salientar que as mulheres também estão à frente da COPEMITO realizando ações como: Festa em comemoração à Semana Nacional do Peixe; Festa do/a pescador/a, Coleta de lixo as margens do Rio Tocantins (em Miracema e Tocantínia- TO).



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

Esta experiência é vivenciada por quatorze das dezenove mulheres<sup>17</sup>, e dentre as oito entrevistadas, seis argumentaram ser uma experiência positiva, contudo, salientaram que é preciso realizar mais ações, bingos, festas a fim de juntarem mais recursos, de forma que quando precisem, elas possam retirar valores maiores que o permitido até o momento.

Diante dessas questões, nota-se o potencial que esta atividade tem para com as participantes, no sentido de materializá-la nas propostas de geração de renda, possibilidade de empréstimo financeiro sem burocracia e sem juros (pois a cada R\$ 50,00 retirado, se paga R\$ 2,00 a mais, com o intuito de incentivar o crescimento dessa renda, mesmo que seja um valor não tão significativo), além de experimentar a prática do trabalho em conjunto e elaborar estratégias coletivas.

A experiência acima, dialoga com Miranda e Barroso (2015) ao pontuar que as iniciativas de políticas estaduais e municipais que reduzam as desigualdades na Região Norte no Brasil são raras, executando apenas as de cunho do Governo Federal. Ou seja, cabem as mulheres informalmente buscar estratégias de desenvolvimento enquanto grupo e em prol a geração de renda, já que a existência de políticas públicas municipais e estaduais são ainda mais carentes.

Quando indagadas sobre os principais desafios vivenciados pelo grupo, a falta de compromisso e participação foram questões apontadas unanimemente, e algumas ainda expuseram a existência de fofocas dentro do próprio grupo, não tendo o espírito de união, mas sim de disputa. Contudo, uma delas comenta: “É fácil a gente reclamar da falta de compromisso, mas fazer e tomar a iniciativa é outra história” (Frésia). Dessa forma, faz-se necessário buscar estratégias de fortalecimento do espírito coletivista visando superar esses desafios.

Contudo, mesmo diante destes desafios existentes, pode-se perceber que, as mulheres enquanto grupo informal tem procurado estratégias de fortalecimento, e estas experiências tem incentivado a construção de sentimentos de respeito, confiança, decisões democráticas, solidariedade, desafios e valorização das

---

<sup>17</sup> As outras não quiseram participar por não se identificarem com a proposta ou por morarem distante, o que dificulta a participação contínua.



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

atividades realizadas por elas. Na fala de uma das duas educadoras sociais que acompanha e participa do grupo afirmou:

Essa organização é de fortalecimento das mulheres e contribui muito pro meu ego, financeiramente não ganho nada, mas pessoalmente me satisfaz demais, mas quero ver mais pontos positivos desse grupo- quero ver ele crescer (Hortência).

Assim, para Faria (2011), em vários textos sobre economia solidária, coloca como desafio a adoção da perspectiva do bem estar da vida humana e da sustentabilidade, já que os estudos sobre esse tema tende a discutir as análises mercantis. Dessa forma, a Economia Feminista dialoga com a economia solidária e com as perspectivas da solidariedade, no compartilhamento das necessidades e ajuda mútua, além de incorporar discussões acerca da divisão sexual do trabalho, reconhecimento do trabalho doméstico e cuidados com a manutenção da vida, como não sendo atribuições exclusivas das mulheres (FARIA, 2011).

Diante de alguns elementos e experiências vivenciadas por este grupo, pode-se perceber que, princípios relacionados a economia solidária estão presentes nas ações aqui descritas: sejam eles de autogestão e ações econômicas- a partir do momento que juntas elaboram estratégias de geração de renda e um regimento para o funcionamento do fundo solidário; de cooperação- a partir do momento que juntas elaboram ações com vista a alcançar o desenvolvimento (social, financeiro e político) do grupo- como pode-se perceber com a experiência da marcha das margaridas, reuniões mensais e a criação do mundo solidário. Acrescenta-se também, o olhar crítico acerca das desigualdades e injustiças sociais instaladas, por isso, a importância de se discutir questões que permeiam as relações de gênero ao discutir temáticas como violência contra as mulheres, sexualidade e saúde reprodutiva, dentre outras.

## **Considerações finais**

Diante disto, observou-se que, a criação deste grupo tem experimentado acesso a informações, conhecimentos, trocas de experiências, participação em seminários, marchas e a recursos financeiros (mesmo que ainda pequeno).



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

Notou-se também que, este grupo tem permitido que se realize busca de estratégias de crescimento pessoal, fortalecimento das mulheres enquanto indivíduo e enquanto grupo, bem como discutir questões de gênero que permeiam seu cotidiano.

As considerações finais sinalizam que, mesmo que as atividades ainda sejam incipientes para que se promova um desenvolvimento social do grupo, importantes passos e ações já foram iniciados a fim de mobilizar e fortalecer um grupo de mulheres protagonistas em seu território. Contudo, ainda é necessário continuar e enfatizar suas ações em conjunto; fortalecer enquanto grupo, e enquanto mulheres; incentivar o desenvolvimento social, econômico e político numa perspectiva de gênero concebendo a importância delas nesses processos; e incorporar o olhar da economia feminista para o grupo.

Contudo, se faz necessária maiores articulações entre o empreendimento informal com a sociedade civil organizada, entidades governamentais, principalmente com o governo municipal a fim de dialogarem, para juntos, construir e buscarem políticas públicas direcionadas para as mulheres a partir das demandas sentidas por elas, e sobre a sua importância no âmbito local.

Em outras palavras, pode-se afirmar que o grupo de mulheres, apesar das dificuldades vivenciadas, demonstrou possuir grandes potenciais a partir das estratégias e possibilidades de desenvolvimento do grupo a partir das vivências da economia solidária e das discussões de gênero que permearam este grupo.

## Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério do trabalho. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Economia solidária**. Brasília. 2017. Acesso em: 07 de fevereiro. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/trabalhador-economia-solidaria>>

**Economia Solidária, outra economia acontece**: Cartilha da Campanha Nacional de Mobilização Social- Brasília: TEM, SENAES, FBES, 2007. 36 p.

FARIA, Nalu. **Mulheres rurais na economia solidária**. IN: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (ORG). Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. 192 p.



# IV SEDRES

SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, ESTADO E SOCIEDADE  
DEMOCRACIA E DESIGUALDADES REGIONAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS | PALMAS - TOCANTINS - BRASIL | DE 4 A 6 DE SETEMBRO DE 2018

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KERGOAT, Daniele. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**, 2002.

Disponível em: <

[https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/adivisaosexualdotrabalho\\_0.pdf](https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/adivisaosexualdotrabalho_0.pdf)

Acesso em: 12 de jun. 2018.

LAGARDE, Marcela, “El género”, fragmento literal: ‘La perspectiva de género’, en *Género y feminismo*. **Desarrollo humano y democracia**. Ed. horas y HORAS, España, 1996, p. 13-38.

MENDES. Soraya H. de Araújo. **(In)visibilidade das mulheres na pesca artesanal: Uma análise sobre as questões de gênero na colônia de pescadores e pescadoras z-16 em Miracema do Tocantins/TO**. Palmas, TO, 81f. Dissertação de Mestrado Acadêmico. Universidade Federal do Tocantins. Campus Universitário de Palmas- Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, 2016.

MIRANDA. Cynthia Mara. BARROSO, Milena Fernandes. **Desenvolvimento regional na perspectiva de gênero na região norte brasileira: limites e possibilidades**. IN: Gênero, Desenvolvimento e Território: *novas semânticas e antigas práticas*. Organizado por Cynthia Mara Miranda; Denyse Côté; Milena Fernandes Barroso; Marcos André Ferreira Estácio. Manaus: Editora Valer, UEA Edições, 2015. p.. 310. ISBN 978-85-7512-798-8

NASCIMENTO. Edson. **Princípios da Economia Solidária**. Brasília, julho, 2006. Acesso em: 07 de fevereiro. Disponível em: <

[https://www.editoraferreira.com.br/Medias/1/Media/Professores/ToqueDeMestre/EdsonRonaldo/edson\\_toque7.pdf](https://www.editoraferreira.com.br/Medias/1/Media/Professores/ToqueDeMestre/EdsonRonaldo/edson_toque7.pdf)>

NOBRE, Miriam. **Mulheres na Economia Solidária**. 2003. Disponível em:

<<http://sof2.tempsite.ws/wp-content/uploads/2015/07/MULHERES-NA-ECONOMIA-SOLIDARIA-Miriam-Nobre.pdf>>. Publicado em A Outra Economia organizado por Antonio Cattani. Editora Veraz e Unitrabalho, Porto Alegre, janeiro de 2003.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(2): 440, maio-agosto, 2008.

SCOTT, Joan W. **Os usos e abusos do gênero**. Traduzido por: Ana Carolina E. C. Soares. Projeto História, São Paulo, nº45, pp. 327 -351, Dez. 2012.

SINGER. Paul. **Economia Solidária**. Entrevista com Paul Singer. Estudos Avançados. Vol. 22, Nº62, São Paulo. Jan/Abr. 2008. Acesso em: 07 de fevereiro de 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142008000100020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100020)>